

## **Literatura e Filosofia: O Papel do Excluído em Guimarães Rosa e Herbert Marcuse**

### **Literature and Philosophy: the role of the excluded in Guimarães Rosa and Herbert Marcuse**

André Francisco Freire Monteiro\*

\* Universidade Federal do Tocantins, UFT, Palmas – TO, 77001-090,  
e-mail: andref.freire@hotmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho analisa a figura do “excluído” no conto *Famigerado* pertencente à obra *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa (1908-1967), e a partir da Teoria Crítica da Sociedade de Herbert Marcuse (1898-1979). Com base em uma revisão bibliográfica, observa-se que na filosofia de Herbert Marcuse os excluídos despontam como sujeitos capazes de mudar a realidade que estão inseridos. No conto *Famigerado* verifica-se que Damázio é um notório excluído da sociedade brasileira, excluído economicamente, excluído das cidades e um não-escolarizado que não tem acesso ao conhecimento produzido em linguagem oficial. Mas Guimarães Rosa não o retrata como um incapaz, mas sim um homem que tem o poder das armas, que luta para sobreviver e ter uma vida que considera digna. Marcuse define a literatura como uma das dimensões estéticas que estabelecem negação a realidade hodierna e pode falar a linguagem e experiência dos oprimidos e excluídos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Excluído. Literatura. Teoria crítica.

**ABSTRACT:** This text analyzes the figure of the "excluded" in the tale *Famigerado* belonging to the book *Primeiras Estórias* of João Guimarães Rosa (1908-1967), and from the critical theory of society of Herbert Marcuse (1898-1979). Based on a literature review, it is observed that in the philosophy of Herbert Marcuse excluded ones appear as autonomous subjects able to change the reality that are inserted. In the tale *Famigerado* it turns out that Damázio is a notorious excluded brazilian society, excluded economically, deleted and a non-school that does not have access to the knowledge produced in official language. But Guimarães Rosa not portrays as a poor man, but a man who has the power of weapons, who struggles to survive and have a life that is considered worthy. Marcuse defines literature as one of the aesthetic dimensions establishing denial reality today and can speak the language and experience of the oppressed and excluded.

**KEYWORDS:** Excluded. Literature. Critical theory.

Somente por causa dos que não têm esperança é que nos é dada a esperança  
Walter Benjamin

A pesquisa tem como objetivo analisar a figura do “excluído” no conto *Famigerado* pertencente à obra *Primeiras Estórias*, um livro de contos publicado originalmente em 1962 por João Guimarães Rosa (1908-1967), e a partir da Teoria Crítica da Sociedade de Herbert Marcuse (1898-1979). O termo “excluído” significa não admitido, privado da posse de alguma coisa ou excluir. “Excluído”, a partir de uma visão sociológica é aquele que se encontra à margem da sociedade, que não tem acesso aos benefícios e riquezas produzidas socialmente.

Guimarães Rosa, escritor, médico e embaixador, autor de contos, novelas, romances e poemas, tem como principais obras os escritos: *Magma* (1936), *Sagarana* (1946), *Corpo de Baile* (1956), *Grande Sertão: Veredas* (1956) e *Primeiras estórias* (1962).

No prefácio escrito em fevereiro de 1966 por Paulo Rónai ao livro *Primeiras Estórias*, faz notar a importância do título da obra. Segundo ele “Primeiras” introduz a noção de que foi a primeira vez que o autor utilizou a forma de contos curtos, ou melhor, estórias. Faz perceber que cada estória tem um acontecimento como núcleo central, seja a morte de uma filha, a busca de um significado, o sonho de um menino. Para Ronái (2001, p. 25) os personagens dos 21 contos do livro *Primeiras Estórias* são todos “[...] intocados pela civilização, guiados pelo instinto, inadaptados ou ainda não integrados na sociedade ou rejeitados por ela, pouco se lhes dá do real e da ordem”. Os personagens criados por Guimarães Rosa enquadram-se na figura dos excluídos. Personagens como loucos, crianças, jagunços, pobres, matadores, prostitutas, enfermos, entre outros, aparecem como elementos centrais das obras.

Em entrevista realizada em 1965 por Günter Lorenz, Guimarães Rosa afirmou que embora ele considere que o escritor tenha uma grande responsabilidade, ele crê que não devem ocupar-se da política do dia-a-dia, mas sim do próprio homem. É exatamente isso que Guimarães Rosa faz, ele transforma o homem brasileiro, que vive à margem da sociedade capitalista, em personagem de suas obras. Guimarães Rosa considera-se um homem do sertão, ou seja, um sertanejo. Ele afirmou para Lorenz (2009, p. XXXIII) “que eu sou antes de mais nada este ‘homem do sertão’; e isto não é apenas uma afirmação biográfica, mas também, e nisto pelo menos eu acredito tão firmemente como você, que ele, esse ‘homem do

sertão’, está presente como ponto de partida mais do que qualquer outra coisa”. O sertão é o solo do qual ele parte para criar as suas histórias, para narrar a vida dos desafortunados e excluídos.

Sperber, especialista nas obras de Guimarães Rosa mostra que ele foi

muito atacado pelo seu aparente "não-engajamento" político, tido como "alienado", "homem de direita" etc. em um tempo de cobranças ideológicas. Mas o que aparece em seus livros é um mundo de excluídos — jagunços, malandros, prostitutas, crianças, loucos, pobres coitados, bois, animais, o burrinho pedrês —, excluídos de outra natureza, não-urbanos, sertanejos, apresentados de um ponto de vista inteiramente diferente, por exemplo, dos personagens de Jorge Amado ou de outros escritores ditos "sociais". Ele os recria não como seres ‘limitados’ — imagem fácil que os intelectuais têm do excluído —, mas como verdadeiros sábios, que não precisam que outros falem por eles, pelos ‘oprimidos’. No caso de Rosa, os jagunços, ou os outros personagens, resolvem sozinhos suas coisas, têm discurso próprio... Até o burrinho pedrês sabe o que deve fazer, luta dentro do possível, sabe que no momento em que o excesso de correnteza o arrasta sua única alternativa é abandonar o corpo, deixar-se levar... É um burrinho sábio.(SPERBER, 2008, p.1)

A literatura de Rosa traz ao primeiro plano toda a realidade que o mundo construído em bases capitalistas pretende esconder para poder legitimar sua ideologia de melhor dos mundos possíveis. Em 1962, os jagunços, os analfabetos, as donas de casa, os negros, são a grande massa da sociedade brasileira que está em vias de transformações políticas e sociais significativas, a construção da Capital Federal e as propostas de Reformas de Base- reformas agrárias, urbana, administrativa que foram impedidas de serem implementadas por um Golpe Militar em 1964.

Maceno (2016, p. 153) esclarece que em 1962 a população brasileira era dividida em entre população rural, a grande maioria, e a população das cidades, sendo que a população rural era marcada pelo analfabetismo, podendo “[...] dividir o cenário da época entre Brasil escolarizado e Brasil não-escolarizado” e que “ nesse Brasil não-escolarizado, o poder institucionalizado fazia-se ausente, campeando o poder de grupos isolados, sendo o jagunço, o valentão, um símbolo deste poder paralelo.” Essa divisão entre analfabetos e escolarizados é uma das principais características que está presente no conto *Famigerado*.

O texto *Famigerado*, segundo conto da obra *Primeiras Estórias*, está estrategicamente inserido entre os contos *As Margens da Alegria*, onde uma pobre criança é a protagonista, e o conto *Sorôco, sua mãe, sua filha*, no qual o personagem Sorôco tem que embarcar sua mãe e sua filha que estão loucas em um trem destinado a deixá-las em um hospício na cidade de Barbacena. Em apenas três estórias deparamo-nos com os principais personagens desenvolvidos por Guimarães Rosas, o jagunço, a criança, o pobre, os loucos. Não por acaso, o título do primeiro conto é *As Margens da Alegria*, pois as estórias apresentadas no livro irão retratar principalmente personagens que vivem as margens do desenvolvimento e de melhores opções de vida.

Guedes (2013) resumiu perfeitamente o conto da seguinte forma:

Narrado em primeira pessoa, o conto 'Famigerado', constitui-se num episódio cômico, onde o autor centraliza sua ideia na revelação instaurada no confronto entre um médico e um jagunço, contando ainda com um jovem do Governo. Decerto podemos opor ao poder da força, enquanto o Doutor infere o poder da instrução, mais especificamente o conhecimento médico. Não obstante, uma vez revelado o sentido dicionarizado do termo 'famigerado', certamente o médico estaria cumprindo sua sentença de morte. (GUEDES, 2013, p. 136)

O conto tem como personagens principais um médico (narrador-personagem) e o jagunço Damázio. Aparecem também no texto figuras como três cavaleiros que foram levados pelo jagunço para servirem de testemunha, são mencionadas as figuras de um padre e de um moço do governo, que teria chamado o jagunço de famigerado.

Após ter conhecimento de que foi chamado pelo moço do governo de famigerado o jagunço Damázio percorreu seis léguas para consultar o médico a respeito do significado de tal palavra. O médico ao receber o jagunço na entrada de sua casa ficou com medo e apenas revelou o significado positivo do termo famigerado, que quer dizer "inóxico", "célebre", "notório", "notável". O médico com a certeza que ele detinha o poder do conhecimento, mas o jagunço o poder das armas, ou melhor, de vida e morte, sonegou a Damázio que famigerado também pode significar um malfeitor ou pessoa de mau-caráter.

Segundo Paula (2008, p.2) o jagunço ao ser enganado pelo médico perde o poder sobre a morte, e isto só foi "[...] possível por que o jagunço está à margem da cultura letrada

Volume 19  
Número 45

- não domina os seus processos, estruturas e significados”. A partir de Damázio percebe-se que o analfabetismo é um mal social que está presente de forma significativa nas comunidades rurais. Damázio só foi buscar o significado da palavra com o médico porque onde ele vive e pelo caminho de quase 40 quilômetros percorridos ninguém, exceto o padre, sabe esclarecer tal palavra, “- Lá, e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente, nem têm o legítimo – o livro que aprende as palavras ... É gente pra informação torta, por se fingirem de menos ignorâncias [...]” (ROSA, 2001, p. 59).

Paula (2008, p. 154) mostra que o conto ao trabalhar os dois significados do termo “famigerado” “[...] retrata um aspecto da sociedade e o torna elemento interno: a existência de duas variantes da língua (a padrão e a não-padrão) que exclui os não-escolarizados, praticantes da modalidade não-padrão”. A estruturação social cria exclusão ao limitar a uma parcela da população o acesso ao conhecimento produzido. O conhecimento científico então fica a mercê de uma pequena parcela de indivíduos que o utilizam para benefício individual em desvantagem ao crescimento coletivo. Paula (2008) esclarece que

As leis, as normatizações, o conhecimento científico e o discurso dos componentes do governo são feitos na modalidade culta da língua. E, esta, código social utilizado na comunicação, passa a funcionar como um instrumento de exclusão social e de disseminação de preconceito contra os falantes de variedade não-padrão. (PAULA, 2008, p. 155)

Mediante a compreensão das palavras que os indivíduos conseguem ter acesso aos avanços propiciados pelo conhecimento, a palavra torna-se, em uma sociedade dividida em analfabetos, semianalfabetos e letrados, em instrumento de poder capaz de gerar riqueza e pobreza, melhorias qualitativas ou quantitativas, benesses ou mazelas.

Damázio é um notório excluído da sociedade brasileira, excluído economicamente, excluído das cidades e um não-escolarizado que não tem acesso ao conhecimento produzido em linguagem padrão (oficial). Mas Guimarães Rosa não o retrata como um incapaz, mas sim um homem que tem o poder das armas, que luta para sobreviver e ter uma vida que considera digna, que pode a qualquer momento expulsar moços do Governo, representantes de uma instituição social que historicamente gera desenvolvimento ao produzir pobreza e miséria.



Herbert Marcuse, filósofo alemão, analisou os diversos mecanismos de exclusão e dominação que se consolidaram a partir do progresso da sociedade moderna. Realizou pesquisas fundamentais para compreensão dos aparatos que transformaram a vida humana. Desvelou as principais contradições sociais de sua época. Seus esclarecimentos sobre o desenvolvimento social e funcionamento das sociedades modernas continuam importantes para percepção dos dias atuais.

Em 1933 Marcuse ingressou como membro da “Escola de Frankfurt”, ou seja, do Instituto de Pesquisa Social fundado 10 anos antes em fevereiro de 1923 na Universidade de Frankfurt. O Instituto contou com membros como Marx Horkheimer (diretor da instituição a partir de 1930), Theodor Adorno, Walter Benjamim. Na década de 1930 o Instituto de Pesquisa Social implementou o conceito de Teoria Social Crítica contrária a teoria tradicional de base positivista. Segundo Marcuse, uma das principais tarefas da Teoria Crítica é examinar o desenvolvimento da sociedade moderna e apontar melhorias qualitativas para organização social, buscando aperfeiçoar a utilização dos recursos intelectuais e matérias disponíveis.

Para Horkheimer (1983, p. 156), segundo diretor do Instituto de Pesquisa Social, a teoria crítica “não é uma hipótese de trabalho qualquer [...], mas sim um momento inseparável do esforço histórico de criar um mundo que satisfaça às necessidades e forças humanas”.

A Teoria Crítica deve investigar a gênese dos problemas; analisar a forma como a sociedade foi organizada buscando comparar com outros meios possíveis de estruturação, visando demonstrar as reais possibilidades de satisfação e desenvolvimento das necessidades humanas.

No livro *A ideologia da Sociedade Industrial*, publicado originalmente em 1964, dois anos depois do conto *Famigerado*, Marcuse aponta que “[...] por baixo da base conservadora popular está o substrato dos párias e estranhos, dos explorados e perseguidos de outras raças e de outras cores, os desempregados e os não-empregáveis”. Indivíduos que existem às margens do processo democrático. Segundo o filósofo a existência de tais indivíduos revela a “[...] mais real necessidade de pôr fim às condições e instituições intoleráveis”, que a oposição que jagunços, negros, pobres, mendigos, prostitutas, exercem “[...] é revolucionária

ainda que sua consciência não o seja. [...]. Sua força está por trás de toda manifestação política para as vítimas da lei e da ordem.” (MARCUSE, 1978, p. 235)

Diferentemente de Guimarães Rosa, Herbert Marcuse dedica grande parte de sua vida a militância política, tanto os seus escritos como a sua prática política foram voltadas para a luta contra todas as formas de opressão e pobreza. Para ele, os renegados pelo sistema social são a nova força de revolução, não são o novo agente revolucionário, mas são atualmente os que recusam o jogo da sociedade estabelecida.

A Teoria Crítica de Marcuse mostra várias forças de oposição e recusa, dentre elas destaca-se a Arte. Ela é concebida como um meio que faz perceber várias possibilidades de manter a vida. Marcuse escreveu sua tese de doutorado sobre *O romance do artista alemão*, desta forma, ele ressalta a literatura como uma das dimensões estéticas que estabelecem negação a realidade hodierna. Campos (2004) mostra que

Segundo Marcuse, existe realmente uma relação entre arte e práxis revolucionária. Tal relação se dá de forma indireta, porque a arte deve permanecer fiel a si mesma, ou seja, é usando sua própria linguagem que pode manifestar potencial político. [...] A transcendência possível, em uma obra de arte, surge enquanto alienação, isto é, mantendo-se autônoma, permanecendo distante da realidade repressiva. Isso porque a transformação estética, ou seja, a realidade existente transmutada em forma estética, conduz não só a sua representação, mas também à dimensão daquilo que ela suprime. (CAMPOS, 2004, p. 109)

Nesta perspectiva, a literatura de Guimarães Rosa pode ser compreendida como um espaço que, ao representar a realidade brasileira ocultada pelo discurso oficial e criar um novo mundo de jagunços, loucos e pobres, também se torna força de oposição e possibilidade de mudanças. Para Marcuse a arte não precisa estar falando sobre revolução ou revolta para aparecer como negação e recusa. Segundo ele (1986, p. 22) “enquanto o homem e a natureza não existem numa sociedade livre, as suas potencialidades reprimidas e distorcidas só podem ser representadas numa forma alienante”. A literatura então aparece como um veículo de liberdade e emancipação.

Segundo Kellner (1999), Marcuse sugere que

a oposição estética e o amor são as forças de oposição mais radicais, uma vez que produzem uma realidade alternativa completamente avessa a uma realidade social opressiva. A arte transcende a vida diária em virtude de sua forma, por sua habilidade em produzir um outro mundo que projeta imagens de uma vida melhor e revela as deficiências e horrores da realidade existente. [...] A verdadeira arte assim representa para Marcuse uma “grande recusa” da realidade existente e a exigência de um outro mundo. (KELLNER, 1999, p.58)

O potencial negativo da arte pode falar a linguagem e experiência dos oprimidos e excluídos, pois ela “[...] como mundo fictício, como ilusão (Schein), contém mais verdade que a realidade de todos os dias” (MARCUSE, 1986, p. 61). Desta forma, a ilusão criada pela arte, e pelos textos de Guimarães Rosa, desvelam as realidades que deixamos de perceber ou questionar. No livro *Contra-Revolução e Revolta* Marcuse (1981, p. 93) afirma que “não existe obra que não evoque, em sua própria estrutura, as palavras, as imagens, a música de uma outra realidade, de uma outra ordem repelida pela ordem existente [...]”. A obra de arte carrega então todo um potencial de negação das estruturas de manutenção da realidade estabelecida.

Segundo Rondon (2004, p. 208) a arte para Marcuse “[...] possui o poder de romper com o imediatamente dado, estabelecendo esferas de negação, transgressão e liberdade. Por sua peculiaridade, cria- no mundo da simples reprodução- outras possibilidades para o real”. Sendo assim, a dimensão estética para o filósofo alemão é um espaço de negação e liberdade. A arte nega a lógica da sociedade estabelecida e ao transgredir a realidade oferece possibilidades de emancipação dos meios de fragmentação do homem.

Silva (2005) mostra que para Marcuse no livro *Eros e Civilização* a arte, principalmente a literatura, constitui-se como uma das formas de humanização do homem. A literatura como ferramenta onde o homem desenvolve as suas potencialidades, onde consegue ver as suas incertezas e romper com aquilo que o fragmenta.

Se a civilização fragmenta o indivíduo, a imaginação reivindica o indivíduo total, se a realidade caracteriza-se pela não liberdade, a fantasia nega a não liberdade. A fantasia ou imaginação encontra uma expressão no sonho, mas concretiza-se na arte, na literatura e nos mitos, que constituem meios pelos quais a linguagem do sonho ganha uma dimensão ao mesmo tempo objetiva e subjetiva. (SILVA, 2005, p. 35)

A arte aparece então como um espaço onde o homem pensa a si mesmo e a sua imaginação concretiza-se como uma forma de negação dos meios de opressão e desalienação, oferecendo a possibilidade de pensar novas formas de organização social, fugindo da realidade de fragmentação e barbárie, aparecendo como característica da arte a tarefa de libertar a imaginação e a sensibilidade humana para as possibilidades de construção de uma outra e melhor estruturação social, uma nova realidade.

A Teoria Crítica parte de dois fundamentos de valor, a saber:

1) o julgamento de que a vida humana vale a pena ser vivida, ou melhor, pode ser ou deve ser tornada digna de se viver. [...] 2) o julgamento de que, em determinada sociedade, existem possibilidades específicas de melhorar a vida humana e modos e meios específicos de realizar essas possibilidades. (MARCUSE, 1978, p. 14).

A Teoria Crítica visa, portanto, analisar a opção histórica de organização social estabelecida e mostrar, mediante os critérios estabelecidos, as opções viáveis para organização da vida humana. Organização essa que privilegie todos os homens de forma igual. Que leve a satisfação das necessidades humanas de forma consciente e com a menor degradação possível.

A Teoria Crítica vai além da realidade imediata mostrando as forças que impedem a mudança para uma melhor ordem social. Mostra as reais possibilidades de mudança.

A teoria social se interessa pelas alternativas históricas que assombam a sociedade estabelecida como tendências e forças subversivas. Os valores ligados às alternativas realmente se tornam fatos quando transformados em realidade pela prática histórica. Os conceitos teóricos terminam com a transformação social. (MARCUSE, 1978, p. 14-15).

Por isso, a Teoria Crítica marcuseana delineia as características negativas da estruturação da sociedade contemporânea e a partir disso, mostra a alternativas para melhorar a organização social. A Teoria Crítica da sociedade se manterá negativa, buscando meios para compreensão da sociedade e denuncia dos mecanismos de dominação enquanto existirem possibilidades de melhorar a vida dos excluídos.

A literatura de Guimarães Rosa e a filosofia de Herbert Marcuse, dois importantes intelectuais que foram contemporâneos, retrataram a figura e o papel do excluído. Os autores dão voz aos excluídos e enxergam todo o potencial que podem desenvolver.

O personagem Damázio é um autêntico excluído, assim como os pobres, crianças, loucos, mulheres, negros. Ele faz perceber as relações sociais existentes no sertão brasileiro, com todas as suas características positivas e negativas. Marcuse e Rosa são forças de mudança que mostram todas as possibilidades de construirmos um mundo melhor, mais humano, que congregue todas as diferenças e realize a tão necessária vida feliz.

## REFERÊNCIAS

- CAMPOS, M. T. C. *Marcuse: realidade e utopia*. São Paulo: Annablume, 2004;
- GUEDES, W. *Filosofia e Literatura: estética e subjetividade em “Famigerado” de Guimarães Rosa*. Revista de Cultura Teológica. N° 81, Jan/jun. 2013, p. 133-144.
- HORKHEIMER, M. Filosofia e Teoria Crítica. In: W. Benjamin, M. Horkheimer, T. W. Adorno, J. Habermas. *Textos Escolhidos*. Trad. José L. Grunnewald et al. - São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
- KELLNER, Douglas. *O Marcuse desconhecido: novas descobertas nos arquivos*. In: MARCUSE, Herbert; KELLNER, Douglas (ed.), *Tecnologia, Guerra e Fascismo*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999, p. 15-69.
- MACENO, R. B. *O mundo e o mundo das palavras: análise sociológica do conto “famigerado”, de João Guimarães Rosa*. Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 4, n. 2, p.151-163, jul./dez. 2016.
- MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Tradução de Giasone Rebuá. 6° ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- \_\_\_\_\_. *A Dimensão Estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Contra- Revolução e Revolta*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8° ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- PAULA, C. M. *Sete meus, Damázio e Rael: três vozes, três momentos, uma crítica*. XI Congresso Internacional da ABRALIC. USP – São Paulo, Brasil, 2008.
- RONDON, R. O belo como enfrentamento: introdução à reflexão sobre a dimensão estética no pensamento de Marcuse e suas possibilidades educacionais. In: Silvio Gallo; Marcio Danelon; Gabrielle Cornelli. (Org.). *Ensino de Filosofia: teoria e prática*: 2004, p. 205-215
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- \_\_\_\_\_; LORENZ, Günter. “Diálogo com Guimarães Rosa”. In: *Ficção completa: em dois volumes*. 2. ed. Volume 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009
- SILVA, R. C. *Arte e reconciliação em Herbert Marcuse*. Trans/Form/Ação, São Paulo, 28(1): 29-48, 2005.

SPERBER, Suzi Frankl. *Quem tem medo de Guimarães Rosa? Problemas Brasileiros (Entrevista)* em 1 de fevereiro de 2008. In:  
<http://www.bv.fapesp.br/namidia/noticia/22791/medo-guimaraes>. Acesso em: 14 de maio de 2018.

Data de recebimento: 02/09/2018  
Data de aprovação: 02/04/2019